

## PRIMEIRA LINHA MUDANÇAS NA EDP

### AS NOVAS CARAS, AS ANTIGAS E AS INCÓGNITAS



**JOÃO TALONE** substituiu Luís Amado como presidente do conselho geral e de supervisão. Talone regressa desta forma à empresa na qual serviu como CEO durante três anos, antes de passar a pasta a António Mexia, em 2006.



**ESMERALDA DOURADO**, ex-presidente da SAG e que já anunciou que deixará a administração da TAP, vai integrar o CGS como membro independente. Foi não executiva no BCP Capital e vice-presidente do Citibank Portugal.



**SOFIA SALGADO** é outra das novidades. De momento desempenha as funções de membro independente do conselho de administração da Mota-Engil e presidente do conselho fiscal na Media Capital. É professora na Católica Porto Business School.



**SANDRINE DIXSON-DECLÈVE** estreia-se no CGS depois de ter juntado mais de 30 anos de experiência em política europeia e internacional, estratégia e liderança de negócios, em particular em matérias ligadas às alterações climáticas.



**MARÍA DEL CARMEN FERNÁNDEZ** está registada como inspetora tributária e auditora de contas. Foi inspetora-geral das Finanças em Madrid, dentro do Ministério da Economia e Finanças, e inspetora-chefe da Direção-Geral de Seguros. Já fazia parte do CGS.



**FERNANDO MASAVEU HERRERO** é presidente da Corporación Masaveu, presidente da Cementos Tudela Venguín e presidente do conselho de administração da Oppidum Capital, que é o segundo maior acionista da cotada. Mantém-se no CGS.



**A CHINA THREE GORGES CORPORATION** é agora representada por Dingming Zhang, vice-presidente do CGS, o qual ainda não foi confirmado para o mesmo papel. Dingming já foi vice-presidente noutra elétricas chinesa, a Yangtze Power Company.



**A CHINA THREE GORGES INTERNATIONAL** ainda não apresentou o seu representante. Atualmente esta função cabe a Shengliang Wu. Começou como técnico e depois como engenheiro no grupo de construção chinês Gezhouba.

# Órgão máximo da EDP mais afastado da política

Dos nomes a serem aprovados na assembleia-geral desta quarta-feira, há cinco novidades. O balanço em termos de governança no novo conselho geral e de supervisão aparece como positivo, num mandato em que os políticos saltam fora.

**ANA BATALHA OLIVEIRA**  
anabatalha@negocios.pt

O conselho geral e de supervisão (CGS) da EDP deverá levar uma reviravolta na assembleia-geral que se realiza esta quarta-feira, 14 de abril. Ficam afastados deste órgão cinco

nomes associados à política, ao mesmo tempo que são nomeados pesos pesados do mundo das empresas. Também há uma redução no número de membros (de 21 para 16), mais mulheres e uma representante da área da sustentabilidade. No balanço global, o conselho parece sair reforçado em termos de boas práticas de governança, afirmam os especialistas consultados pelo Negócios.

Eduardo Catroga, ex-ministro das Finanças, anunciou que não

fará mais parte do CGS. Da proposta não consta também o atual presidente do CGS e antigo ministro da Defesa, dos Negócios Estrangeiros e secretário de Estado com esta última pasta: Luís Amado. Fica também de fora a ex-ministra da Justiça Celeste Cardona, o ex-ministro das Finanças Jorge Braga de Macedo e Augusto Mateus, que foi ministro da Economia e secretário de Estado da Indústria. João Talone, ex-CEO da elétrica, ocupará o lugar de Luís Amado. É a primeira vez,

desde 2006, o ano em que foi criado, que o CGS não é liderado por um ex-político — começou com António Almeida, depois Catroga e finalmente Amado. Na opinião do presidente do conselho geral do Instituto Português de Corporate Governance, Pedro Rebelo de Sousa, “os administradores não executivos têm de ter uma experiência significativa e prática na gestão das empresas”, e assim “saída” o que vê como um sinal de “afastamento da vida empresarial da vida política”.

Para a professora Maria João Guedes, que leciona Corporate Governance no Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), a presença de políticos “não tem necessariamente de ser entendida como uma desvantagem ou má prática de governança”, sobretudo tendo em conta que “o setor da energia é regulado, logo, os elementos com experiência nestas matérias” podem trazer mais valias. Isto, embora reconheça que “os ativos da EDP mudaram bastante e já não é uma em-





**ZILI SHAO** é advogado e trabalha também na banca de investimento. É fundador e presidente da MountVue Capital Management, uma gestora de fundos de investimento na China. É ainda administrador independente noutras empresas internacionais.



**LUÍS PALHA DA SILVA** mantém-se no CGS por ser o presidente da mesa da assembleia-geral. Acumula com a presidência do conselho de administração da Pharol, administrador da Oi e presidiu, nos últimos anos, ao conselho fiscal em seguradoras.



**LAURIE FITCH**, que já fazia parte do CGS, tem um bacharelato e um mestrado em estudos árabes. Grande parte do percurso fê-lo na banca de investimento. Como analista na Schroder e em Londres foi diretora da divisão de investimento da Morgan Stanley.



**JOÃO CARVALHO DAS NEVES** é professor catedrático no Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), sendo um repetente neste órgão da EDP. É também membro não executivo do conselho de administração da Montepio Valor.



Ainda não há indicação sobre quem será designado pela **CHINA THREE GORGES EUROPE**. Para já, o lugar pertence a Ignacio Herrero Ruiz. Passou pelo Citigroup, Deutsche Bank e Credit Suisse, num total de 18 anos na banca de investimento.



Li Li é o membro que tem representado a **CHINA THREE GORGES BRASIL** no CGS, e ainda não tem um substituto anunciado. Li começou a carreira na chinesa CWE - China International Water & Electric, uma subsidiária da CTG.



A **CHINA THREE GORGES PORTUGAL** contava com Eduardo Catroga - que foi ministro das Finanças nos anos 90 - como representante, mas este já anunciou que não irá continuar. Falta saber o nome que o substituirá por conta da CTG Portugal.



**FELIPE FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ** tem sido a cara da **DRAURSA** no CGS, mas não há ainda a confirmação de que se mantenha nesta posição. Durante a sua carreira, ocupou vários cargos na espanhola HidroCantábrico, adquirida pela EDP em 2004.

presa assente no legado público". Considera que a saída de membros mais relacionados com a política "pode apontar para a intenção de 'despoliticizar' o órgão", mas "assinala sobretudo a adaptação da empresa à sua nova realidade". "É importante ter membros que possuam vasta experiência em variados domínios, desde a esfera empresarial à academia", defende.

A professora do ISEG aponta ainda que esta mudança está em consonância com as alterações na comissão executiva. António Mexia, o anterior CEO, afastado na sequência do caso EDP, tinha também ele passado o político, o que não acontece com o atual, Miguel Stilwell, que fez a maior parte do seu percurso na elétrica. Mas o alinhamento é mais vasto: há em ambos os órgãos uma redução no número de elementos e uma aposta na diversidade de género e de valências. No global, Rebelo de Sousa entende que, das alterações ao CGS, resulta "menos mediaticismo, uma estrutura mais enxuta e quiçá mais ali-

nhada com as práticas dos mercados no início do século".

#### Mais verde e feminino

Rebelo de Sousa e Maria João Guedes concordam que a presença reforçada de mulheres neste órgão é positiva, numa altura em que o mínimo estipulado por lei é de 33,3%. Entram três mulheres: Esmeralda Dourado - administradora não executiva da TAP que já anunciou que sairá desta empresa -, a professora Sofia Salgado e a consultora de sustentabilidade Dixon-Declève; mantêm-se Laurie Fitch e Maria Rozado; e saem Celeste Cardona e Clementina Barroso. Assim, metade dos elementos que são já conhecidos são do sexo feminino, mas ainda falta saber os nomes de outros seis. Guedes aponta como desejável que os restantes não venham alterar "este equilíbrio", pois o que vê de mais positivo nesta administração é "a aposta na diversidade e em áreas-chave como a sustentabilidade", esta última na pessoa de Dixon-Declève. ■

## O empresário que só entra na EDP para liderar

João Talone, no ano em que completa 70 anos, regressa à EDP como presidente do conselho geral de supervisão, depois de anteriormente, por um período de três anos entre 2003 e 2006, ter assumido a liderança da mesma elétrica, na posição de CEO. Nessa passagem anterior pela empresa chefiou um processo de reestruturação que, de acordo com a nota publicada pela própria EDP, resultou num aumento de 124% da sua capitalização bolsista.

Quando saiu da elétrica, para dar lugar a António Mexia, manteve-se ligado ao setor com a criação da Hyperion, uma empresa de energias renováveis na qual Pedro Rezende, mais tarde constituído arguido do caso EDP, entrou como sócio e é agora CEO. No mesmo ano, em 2006, João Talone

fundou também a Magnum Capital Partners, um fundo de "private equity".

Antes destas experiências no setor da energia, Talone liderou, entre 2002 e 2003, um processo para redesenhar e reestruturar o setor energético português. No mesmo período serviu como comissário especial do Governo português, tendo também chefiado o processo de extinção da Investimentos e Participações Empresariais (IPE), a empresa estatal portuguesa que detinha e controlava as maiores participações do Estado em empresas industriais. Neste papel, vendeu ou transferiu quase mil milhões de euros em ativos, conta a nota enviada pela EDP à Comissão do Mercado de Valores Mobiliários.

Esta curta aproximação à po-

lítica deu-se depois de um percurso de 13 anos no Banco Comercial Português (BCP). Nesta instituição foi membro da comissão executiva e criou e liderou a área de seguros do BCP, na qual desempenhou as funções de presidente do conselho de administração e presidente da comissão executiva. Aquando da sua chefia, esta área atingiu a liderança de mercado, algo que foi conquistado em sete anos.

João Talone formou-se, mais recentemente, em Gestão Avançada na Harvard Business School, além de ter ingressado no programa de MBA - Master Business Administration da Universidade Nova de Lisboa. Isto depois de ter completado a licenciatura em Engenharia Civil na Universidade Técnica de Lisboa. ■ **ABO**



308  
PÁGINAS

GRÁTIS | AMANHÃ

## Ser Sustentável, Ganhar o Futuro

Amanhã, no âmbito do Prémio Nacional de Sustentabilidade, oferecemos a revista Ser Sustentável, Ganhar o Futuro. Ao longo de 308 páginas pode ler entrevistas a protagonistas nacionais e internacionais, conhecer ao pormenor os desafios que se colocam nesta área e ainda as 88 empresas que se candidatam ao prémio. Imperdível.

# negócios

negocios.pt

Quarta-feira, 14 de abril de 2021 | Diário | Ano XVI | N.º 4472 | € 2,70  
Diretora **Diana Ramos** | Diretor adjunto **Celso Filipe**

## Gestores das telecom vão poder ser inibidos de exercer funções

Proposta para a nova Lei das Comunicações Eletrónicas alarga sanções acessórias aplicadas pela Anacom. Infrações graves e muito graves passam agora a abranger os gestores e administradores de operadoras.

EMPRESAS 12 e 13

## “Big brother” fiscal volta a ser travado

ECONOMIA 8 e 9

## Compensação pedida pelos CTT ao Estado vai para arbitragem



Extensão do contrato de concessão levou os Correios a pedirem uma indemnização. Governo não aceitou pagar verba pedida.

HOME PAGE 2

## Coinbase chega à bolsa e dá fôlego às criptomoedas

Longe da regulação, existem atualmente mais de 250 sítios para comprar moedas digitais.

MERCADOS 20 e 21

## Talone assume órgão máximo da EDP sem políticos

Conselho geral e de supervisão da elétrica é hoje eleito em assembleia-geral.



PRIMEIRA LINHA 4 a 6

Inês Gomes Lourenço

## Indústria

### Efacec melhora resultados em vésperas da reprivatização

EMPRESAS 13

## Pandemia

### Peritos pedem ao Governo que puxe travão no desconfinamento

ECONOMIA 10 e 11

## Bazuca da UE

### Governo só entrega plano a Bruxelas no final deste mês

ECONOMIA 9